

PSICOLOGIA DO SUBSOLO

Vinicius Schröder Senna (UERJ)¹

Resumo: o título deste artigo é uma óbvia referência à novela de Dostoiévski, *Memórias do Subsolo* (1864). A expressão mesma, *psicologia do subsolo*, no entanto, refere-se ao ensaio *Dostoiévski: do duplo à unidade* (1963), de René Girard. Nesse trabalho, Girard analisa, dentre outras questões, o que ele chama de *metafísica do subsolo*. Sua análise se desenvolve através de uma leitura incomum dos romances do autor russo. De maneira resumida, trata-se do orgulho e da insegurança que compõem a rivalidade mimética no subsolo. Essa ambivalência, que evolui para uma série de desdobramentos, está no centro da *psicologia do subsolo*.

Palavras-chave: psicologia do subsolo; insegurança; orgulho; René Girard.

Abstract: the title of this paper is an obvious reference to Dostoevsky's novel, *Notes from the Underground* (1864). The same expression, *underground psychology*, however, refers to the essay: *Dostoiévski: Du Double à L'Unité* (1963), by René Girard. In this work, Girard analyzes, among other questions, what he calls *underground metaphysics*. His analysis develops through an unusual reading of the Russian author's novels. Briefly, it is the pride and insecurity that make up the underground mimetic rivalry. This ambivalence, which evolves into a series of developments, is at the heart of *underground psychology*.

Key-words: underground psychology; insecurity; pride; René Girard

Uma pessoa busca a perfeição em algo e se decepciona por não alcançar o que foi idealizado, em seguida encontra alguém que obteve êxito em atividade igual ou similar, logo depois exagera suas próprias imperfeições e os sucessos do outro. Esse é um percurso bastante conhecido diante dos obstáculos ao desejo, embora não seja o único possível. Exagerar as próprias imperfeições e os sucessos alheios é também uma das características do célebre personagem de Dostoiévski. Aos seus próprios olhos, o habitante do subsolo é o personagem que perde valor porque compara o seu ideal de perfeição com uma imagem fantasiosa da vida alheia. “É como acontece numa balança”, diz René Girard, “ao colocar sobre si todo o peso que o afunda, faz simultaneamente com que os outros subam”. (GIRARD, 2011 [1963], p. 43). Criar problemas para si mesmo é uma peculiaridade da *metafísica do subsolo*, isto é, o sujeito do subsolo admira, preferencialmente, quem é mais difícil de imitar e superar. Como consequência, desenvolve uma autocrítica que busca a rejeição, uma vez que nenhum elogio, ou reconhecimento, será suficiente; e a percepção de si mesmo continuará sempre num nível mais baixo.

¹ Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (v.s.senna@outlook.com).



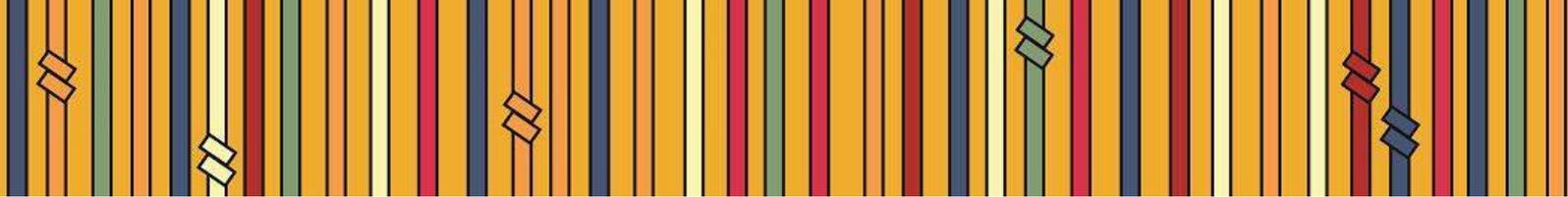
O protagonista da novela de Dostoiévski sofre por diversos aspectos do seu próprio comportamento, dentre eles a libertinagem praticada às escondidas. Nas palavras do personagem, ele está preso a um modo de vida desonroso: “Assustado, sujo, imbuído da vergonha que não me deixava nos momentos mais asquerosos e que até chegava, nesses momentos, à maldição”. Na sequência está o motivo do subsolo: “Mesmo assim, eu já trazia na alma o subsolo. Tinha um medo terrível de ser visto, encontrado, reconhecido” (DOSTOIÉVSKI, 2009 [1864], p. 62). Aqui ganha relevo um dos dois aspectos que formam a ambivalência: a insegurança. Embora já comece a surgir, também, os sinais do orgulho.

O que Girard destaca, com a *psicologia do subsolo*, é a complexa relação entre o sentimento de inferioridade e um orgulho acentuado. Trata-se de uma ambivalência que ameaça o sujeito marcado pela dependência do olhar alheio. Esse mediador, o dono desse olhar alheio, parece ter o que o homem do subsolo não tem, isto é, independência quanto às próprias decisões. Essa suposta independência é o fator de reforço para a humilhação. O sujeito do subsolo se orgulha de ser quem é, chega a ostentar as características que julga superiores, mas logo percebe que depende de um mediador que, por sua vez, não precisa dele. Desse modo, o orgulho será sempre assombrado pela humilhação.

Muitos romancistas e pensadores perceberam a importância das ambivalências². Vale destacar que a teoria mimética não estimula, particularmente, um esforço intelectual ansioso por novidades. Sendo assim, isolar uma ambivalência continua sendo uma forma produtiva de estudo.

O personagem de Dostoiévski sofre um grande abalo psicológico quando é ignorado por um oficial que o esbarra ao passar. O abalo não vem de uma suposta provocação decorrente do contato físico. No entendimento do protagonista, o esbarrão é grave porque o sujeito despreza a sua presença. Um detalhe é importante para completar o panorama: o fato de o protagonista ter um emprego irrelevante de funcionário de repartição enquanto o outro sujeito é um oficial. Destaco uma reflexão do protagonista,

² A obra de Shakespeare é, como se sabe, um panorama privilegiado para a observação de ambivalências. Indico, no entanto, algumas páginas de Espinosa em sua *Ética*. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1992 [1677], p. 284-5. Espinosa designa como *flutuações da alma* a coexistência de “afecções contrárias”.

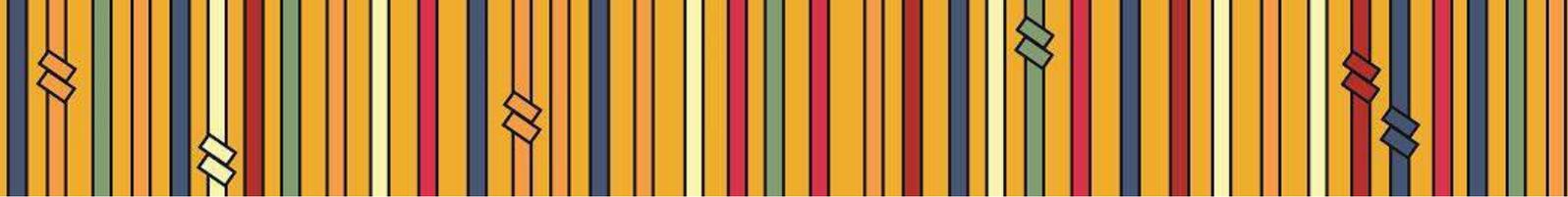


posterior ao esbarrão, em que aparece o caráter ambíguo do seu sentimento de inferioridade:

Era o cúmulo do suplício, uma humilhação incessante e insuportável, suscitada pelo pensamento, que se transformava numa sensação contínua e direta de que eu era uma mosca perante todo aquele mundo, mosca vil e desnecessária, mais inteligente, mais culta e mais nobre que todos os demais, está claro, mas uma mosca cedendo sem parar diante de todos, por todos humilhada e por todos ofendida (IBID., p.66)

O personagem percebe, com ou sem razão, que é uma mosca. No entanto, afirma que é uma mosca cheia de qualidades: mais inteligente, mais culto, mais nobre. A inferioridade e o orgulho estão lado a lado. A afirmação de qualidades está no prato da balança que ameaça descer para que do outro lado suba a humilhação de modo espetacular. Em alguns aspectos, esse padrão remete à melancolia tal como descrita por Freud, em “Luto e Melancolia” (2010 [1915-1917]). Segundo Freud, a melancolia se revela: “Por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima” (FREUD, 2010 [1917-1915], p. 172). Esta é apenas uma resumida definição freudiana da melancolia. Quem conhece, no entanto, o ensaio completo, sabe que a definição ganha maior complexidade à medida que são feitas as distinções entre o luto e a melancolia. Freud aponta uma diferença precisa entre as duas: “O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (IBID., p. 175-6). Freud continua dizendo que o doente “nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo” (IBID., p. 176). Em seguida, Freud descreve o modo como o melancólico evolui na autocrítica pintando a “si mesmo como uma pessoa mesquinha, egoísta, insincera, sem autonomia, que sempre buscou ocultar as fraquezas do seu ser” (IBID., 176).

Nesse trajeto, contudo, o sujeito pode acreditar que se aproxima, não obstante algum exagero, de uma espécie de lucidez crítica, sendo assim, Freud se pergunta: por que é necessário adoecer para que se alcance essa espécie de autoconhecimento. Analisando esse aspecto, Freud chama a atenção para a dificuldade em se delimitar



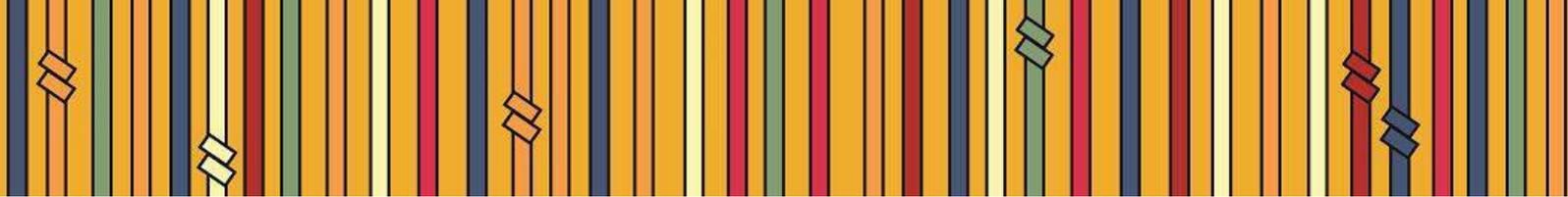
critérios objetivos quanto à validade dessa suposta lucidez decorrente da depreciação. Uma pessoa preguiçosa pode se ter em alta conta enquanto alguém verdadeiramente ativo se recrimina. Ainda que uma e outra partilhem valores parecidos, isto é, ainda que para ambas haja mais valor na atividade que na preguiça, a autopercepção terá parâmetros diferentes: o preguiçoso poderá se considerar absolutamente normal e o ativo poderá se considerar preguiçoso.

Dessa forma, torna-se oportuno destacar a relativa singularidade do termo *psicologia do subsolo*. Para apresentá-la, René Girard seguirá um caminho parecido com o de Freud; no entanto, a análise de Girard se concentrará num dado específico – já apontado por Freud – sobre a melancolia como uma doença do Eu; um empobrecimento da personalidade, examinada, no entanto, pela teoria mimética.

Antes de seguirmos com Girard, recordo que Freud destaca, por exemplo, que no “quadro clínico da melancolia, a insatisfação moral com o próprio Eu está relacionada a outras coisas: defeitos físicos, feiura, debilidade, inferioridade social” (IBID., p. 179). A hipótese de René Girard, para a *psicologia do subsolo*, parte justamente desse sentimento de inferioridade, isto é, uma desvantagem em relação aos outros. E mais importante, e também mais ofensivo, uma desvantagem em relação aos mediadores do desejo. Esse é um ponto decisivo. O mediador aponta um objeto que se torna desejável e que por ser desejado agora se tornará objeto de rivalidade. No momento em que o modelo admirado se torna um obstáculo ao desejo despertado por ele mesmo, está iniciada a rivalidade. Portanto, o impacto psicológico no sujeito orgulhoso se agrava quando este se vê em posição de desvantagem no momento mesmo em que o rival é identificado.

Ainda com o auxílio do pensamento de Freud³, destaco, em seu ensaio, um exemplo no qual uma pessoa pode, ao se decepcionar numa relação, não “desviar a

³ Girard considera que Freud se aproximou da percepção do desejo mimético, mas não a desenvolveu. No lugar da necessidade de um mediador para qualquer desejo, apontou, ao contrário, para a possibilidade de um desejo que ligasse sujeito e objeto diretamente. Assim como destacou a especificidade do pai como modelo e obstáculo situado no centro do complexo de Édipo. Para Girard, no entanto, não há desejo direto que ligue sujeito e objeto, isto é, todo desejo é mimético, portanto, depende de um mediador. Dentre as muitas considerações e divergências de Girard, a respeito da percepção do desejo por Freud, indico: René Girard, *A Violência e o Sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo, Paz e Terra, 2008, p. 211-37. Destaco também o trabalho de Mark R. Anspach em *Édipo Mimético*. Trad. Ana Lúcia Costa. São Paulo, É Realizações, 2012. O ensaio de Anspach se detém, em alguns pontos, na diferença de percepção entre os dois pensadores: Freud e Girard. Anspach destaca que enquanto Freud vê o *pai* como um mediador marcado pela especificidade de ser pai, para Girard o *pai* é um mediador como outro



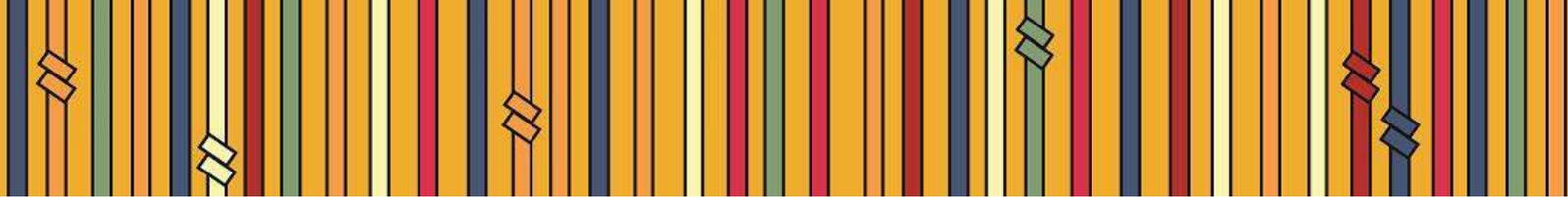
libido” para outra pessoa, e desse modo passar a ter em si mesma a “libido recuada”. O Eu cria uma “identificação com o objeto abandonado” e com a reprovação a esse objeto. Em consequência disso, “a reprovação recai sobre a própria pessoa”. Portanto, o conflito entre o sujeito e o objeto se concentra na própria pessoa. O que explicaria, em grande parte, a autocrítica radical (IBID., 180-2). Aquilo que se reprova no outro, será, do mesmo modo, reprovado em si mesmo.

Na teoria mimética, o Eu é percebido com um vazio porque o sujeito não é capaz de desejar por si mesmo, isto é, todo desejo precisa da figura de um mediador para apontar um objeto. Não é que não haja desejo sem mediador, o desejo existe, mas não há direção. Não há segurança quanto ao objeto que mereça ser desejado. Essa segurança surgirá a partir do desejo do outro: isto é, vejo o desejo de alguém por algo e assim atribuo algum valor a esse objeto.

Em outras palavras, alguém do meu convívio me diz que tal pessoa gosta das mesmas coisas que eu, ou ainda – supondo que a conformidade seja enfadonha – diz que esta pessoa me complementa. Esse amigo acredita que eu possa me interessar por alguém pelo ouvido. E ele está certo em pensar assim. Não fosse essa a nossa inclinação, as campanhas de publicidade não investiriam fortunas para nos fazer acreditar que ela – a empresa que apresenta o produto – sabe escolher o que devemos gostar.

René Girard designou essa inclinação como desejo mimético e desse modo começou a desenvolver a primeira intuição da sua teoria. No entanto, meu interesse aqui não é fazer uma introdução à teoria mimética, mas verificar uma consequência específica da necessidade de um modelo para o desejo e buscar mais dados sobre a insuficiência que força o sujeito a prestar atenção ao desejo de alguém por algo. Pois tal insuficiência leva o sujeito a entender que aquele objeto tem valor uma vez que é desejado por aquela pessoa. A consequência que vale destacar é o fato de que aquele que designa o objeto parece superior. Isto é, a pessoa que me serve de modelo parece ter uma consistência ontológica que eu não tenho. Ele, ao contrário de mim, sabe o que é melhor para si mesmo.

qualquer. Vale ressaltar, ainda, que Anspach, no mesmo ensaio, também contribui para a compreensão da *psicologia do subsolo*, sobretudo entre as páginas 88 e 91.



Essa noção de superioridade e inferioridade não é uma regra para toda relação mimética, que, em si, percebe o desejo de modo naturalmente dinâmico. Isto é, aquele que num momento é o modelo de uma pessoa, no outro é o sujeito que também precisa de modelos. A pessoa que é meu modelo no presente também teve os seus modelos.

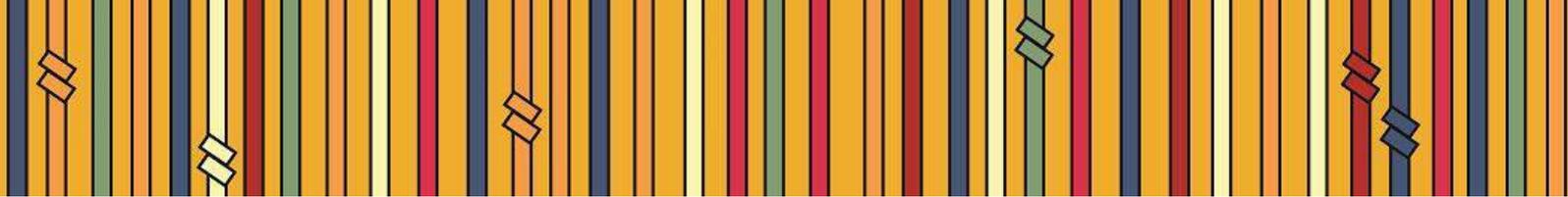
A peculiaridade do sujeito do subsolo, portanto, é que ele se vê paralisado na posição de sujeito inferior que sempre precisa da confirmação alheia. Como não percebe com clareza que todos precisam de um modelo, ele atribui a seus mediadores uma superioridade da qual ele mesmo foi privado. O homem do subsolo acredita que as outras pessoas não precisam de modelos para os seus próprios desejos; acredita que os outros têm uma consistência ontológica que lhe falta.

Como já indiquei antes, para entendermos o pensamento do sujeito do subsolo é necessário lembrar que ele é movido por uma grande vaidade, ao mesmo tempo em que se tortura na inferioridade. Como Girard observa, a contradição é apenas aparente, uma vez que ao elevar-se acima dos outros, e, ao posteriormente descobrir suas limitações, só lhe resta agora ir ao oposto do que antes acreditava sobre si mesmo. Se antes o sujeito se colocava acima de todos, agora se colocará abaixo. Nas palavras do próprio personagem de Dostoiévski, ao relatar suas aspirações durante um sonho: “Não podia compreender sequer um papel secundário e justamente por isso desempenhava bem tranquilamente, na realidade, o último dos papéis. Herói ou imundice, não havia meio-termo” (DOSTOIÉVSKI, 2009 [1864], p. 71).

Desprezando a si mesmo, o protagonista de *Memórias do Subsolo* se sente atraído por quem lhe parece superior. Afinal, está pessoa não precisa da sua atenção e, por isso, pode desprezá-lo confirmando o que ele já acreditava: que ele é um ser desprezível. No subsolo, desprezo alimenta admiração e admiração alimenta desprezo. Constatações quase delirantes; às vezes delirantes de fato.

Entendemos que um sujeito seja assediado, com tanta veemência, pela própria insegurança, no entanto, é necessário compreender a obsessão com o oficial que parece desprezá-lo. Girard analisa o que acontece na prática:

Em seus sonhos solitários, o herói eleva-se facilmente até o sétimo céu; nenhum obstáculo o impede. Mas sempre chega um momento em que o sonho não é suficiente. A exaltação egoísta não tem nada a ver com o nirvana budista; cedo ou tarde, sente a necessidade de confirmar-se na realidade (GIRARD, 2011 [1963], p. 47).

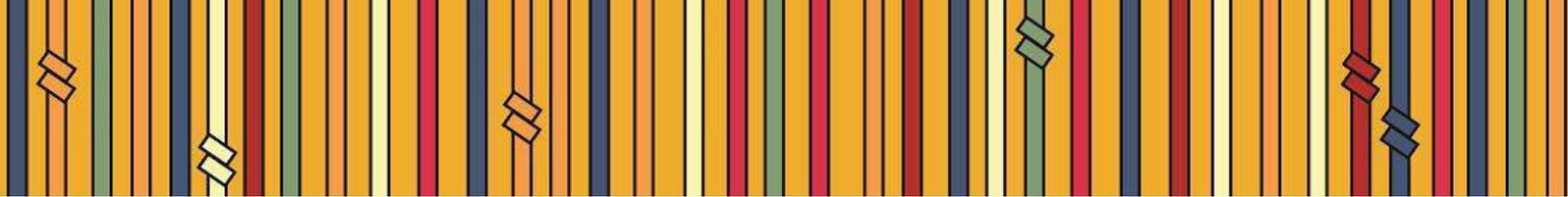


O sujeito que ostenta alguma distinção – como o oficial – e despreza o protagonista de Dostoiévski, inverte a direção do orgulho. Mesmo quando o protagonista tenta ser lúcido quanto aos seus interesses, pesa-lhe, de forma imobilizadora, a independência inalcançável do outro, que o despreza: “O que importa nosso ‘interesse’, por ‘verdadeiro’ que seja, diante dessa onipotência que o Outro, o carrasco fascinante, parece possuir?” (Girard. *Ibid.*, p.48). Na perspectiva mimética, o orgulho está limitado pelo Outro, uma vez que mesmo quando empenhado em seus interesses o personagem não consegue, segundo Girard, se tornar independente do papel que esse Outro desempenha em sua existência.

O que torna a aprovação alheia tão necessária é algo central para René Girard: o mal ontológico. João Cezar de Castro Rocha descreve a questão nos termos da teoria mimética: “Trata-se de uma vacuidade propriamente estrutural, pois, sem a colaboração do outro, a interdividualidade não consegue se sustentar. Em vocabulário girardiano, esse é o *mal ontologique*” (ROCHA, 2016, p. 209).

Para o personagem de Dostoiévski, o oficial representa a segurança de quem soube fazer as melhores escolhas; aquelas que um simples funcionário de repartição, mesmo que seja inteligente e nobre, não foi capaz. O impasse entre o desejo que precisa de um mediador – para ter segurança sobre o objeto desejado – e a vaidade golpeada pela dependência contribui para o pleno entendimento das regras do subsolo: o outro sempre aparenta uma consistência impossível de ser alcançada.

No subsolo há, além de muita vaidade e muito orgulho, também uma ignorância decisiva: a superioridade do modelo, que hoje inspira seu admirador, também foi copiada – houve um modelo, numa relação em que ele era o admirador. É ao ignorar essa dinâmica, que a todos envolve igualmente, que o homem do subsolo se mantém preso à luta entre a inferioridade e o orgulho – uma luta tão insistente quanto destrutiva.



Referências:

DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: 34, 2009 [1864].

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1917-1915]. p. 171-194.

GIRARD, R. **Mentira Romântica e Verdade Romanesca**. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009 [1961].

GIRARD, R. **Dostoiévski: do duplo à unidade**. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É Realizações, 2011 [1963].